

# AGROFLORESTA E TURISMO RURAL EM NOVA OLINDA-CE

Tereza Hercília Cordeiro Feitosa<sup>1</sup>  
Manoel Jorge Pinto da Franca<sup>2</sup>

## RESUMO

No Cariri o turismo vem sendo cada vez mais discutido em todas as esferas e municípios como alternativa econômica para desenvolvimento das comunidades. Nova Olinda não foge a esta regra, pois foi indicada pelo Ministério do Turismo como município indutor do turismo. A agrofloresta de que tratamos está localizada neste município e através da mesma estão sendo desenvolvidos trabalhos que visam a sustentabilidade do referido município. Este artigo se propõe a discutir sobre turismo, a agrofloresta e sustentabilidade dentro do meio rural, como forma de desenvolvimento turístico para o município. Assim, o artigo mostra duas vertentes sobre o assunto: o turismo como vetor de desenvolvimento sustentável em Nova Olinda e a ação do governo federal no município, através do programa Destinos indutores do turismo. Palavras-chave: Agrofloresta. Sustentabilidade. Turismo Rural.

## ABSTRACT

### AGROFLORESTA AND RURAL TOURISM IN NOVA OLINDA-CE

In the Cariri the tourism is more and more discussed in all the spheres and local authorities as economical alternative for development of the communities. Nova Olinda does not avoid this rule, since it was indicated by the Ministry of the Tourism like inducing local authority of the tourism. The agrofloresta on what we treat is located in this local authority and is developing works that aim for the sustentabilidade of this town. This article proposes to discuss on tourism, the agrofloresta and sustentabilidade inside the rural way, like the form of tourist development for the local authority. So, this article in shows two slopes on the subject: the tourism as vector of sustainable development in Nova Olinda and action of the federal government in the local authority, through the program inducing destinies of the tourism.

Key-words: Agrofloresta. Sustentabilidade. Rural tourism.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Geografia pela Universidade Regional do Cariri – URCA; especialista em Gestão Escolar pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); especialização em Educação Ambiental pela Universidade Regional do Cariri– URCA; funcionária da Prefeitura Municipal de Nova Olinda-CE.

Email: terezahercilia@hotmail.com, Rua Dr. Alencar, Bairro Nossa Senhora de Fátima, N° 273. Nova Olinda-CE. CEP.: 63.165-000.

<sup>2</sup> Graduado em Agronomia pela Universidade Federal do Ceará – UFC; mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Email: pintodafranca@hotmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Durante muitos anos, o turismo foi visto como uma atividade de classes ricas, e que só elas podiam fazer turismo e investir no setor, como diz Portuguez (2002), “símbolo de *status* social e de uma maneira elegante de viver, desejada pela imensa maioria da população, sobretudo nos países ocidentais onde iniciou sua projeção como atividade econômica”.

Só depois da metade do século XX é que o turismo vem direcionando seu olhar na valoração cultural e social. Inúmeros fatores proporcionaram sua popularização, como pagamento de salários às mulheres, o direito a férias, o avanço tecnológico das comunicações, da indústria de transporte, entre outros. Com isso surge o turismo de massa, que veio até o fim do século massificando lugares, onde não existiam planejamentos, e só interesse de desenvolvimento econômico, pautado na visão desenvolvimentista que, por sua natureza, contraria os preceitos da sustentabilidade. Essa massificação, por sua vez, trouxe muitas mazelas, entre elas o descaso com a natureza e o turismo sexual.

Dessa forma, fica claro que o turismo não é somente feito de coisas boas, mas também se trata de uma atividade de consumo de espaço, sendo uma “faca de dois gumes”, pois ao mesmo tempo em que alavanca destinos, destrói e massifica lugares e culturas. É que só há pouco tempo empresários e governo vêm se preocupando com as questões socioambientais. Porém só se preocupar e não saber agir diretamente, nem sempre resulta em atividades bem sucedidas, uma vez que, na maioria dos casos, esses órgãos e empresas nem sempre são geridos por pessoas qualificadas e que entendem realmente do setor onde estão inseridas, sem falar que às vezes até entendem do assunto, mas não têm vivência e estudos sobre os lugares que estão dirigindo e projetando, e se têm, como é o caso da maioria das empresas privadas, não estão preocupados com os lugares, e sim com os lucros.

Ao mesmo tempo em que o turismo entra em colapso no que diz respeito aos planejamentos equivocados e investimentos mal direcionados ou reduzidos, é notável também hoje o declínio da agricultura tradicional em toda a região nordestina, devido a fatores quase sempre ligados aos mesmos problemas de planejamento, valoração de setor e investimentos adequados.

Com isso inúmeros problemas que permeiam o campo, entre o êxodo rural e a falta de terra, advêm de falta de políticas públicas no campo e para o campo, juntamente com a agricultura tradicional, que trouxe grandes prejuízos ambientais. Nesse contexto, alguns trabalhadores rurais procuram subsídios de convivência harmoniosa com o campo como forma de resistência e sobrevivência, como é o caso das comunidades que adotam o sistema de agrofloresta, mostrando que para implantar o turismo nessas comunidades, como coloca Portuguez (2002),

[...] as atividades sociais, incluído o turismo, não necessitam obrigatoriamente romper com o ideal de acumular rendimentos, mas devem passar a considerar também como ganho a conservação ambiental, a salvaguarda do patrimônio, a manutenção das peculiaridades culturais de cada localidade, entre outros exemplos.

Um grande número de proprietários não consegue ter essa visão, e entra em colapso diante das transformações devidas à chamada modernização do campo, que exige maior produtividade da terra e do trabalho, com isso erigindo novos modelos de exploração agrária, adaptados às exigências do mercado. Daí, as propriedades que, por algum motivo, não conseguem se inserir nesta nova estrutura entram nesse colapso econômico e social, necessitando assim de novos direcionamentos, muitas vezes completamente diferentes das atividades tradicionais.

É com muita freqüência que assistimos ao apelo ao turismo e lazer, atividades que marcam as sociedades contemporâneas, perseguindo com isso uma complementaridade de renda ou, muitas vezes, mudando-se totalmente a atividade original. (RODRIGUES, 2001).

Um caso a ser exemplificado, existente na região do Cariri, município de Nova Olinda, é o do Sr. José Raimundo de Matos, um agricultor que vem rompendo paradigmas e fazendo escola em uma área semiárida, mostrando meios viáveis de vida no campo, valorizando a cultura do campo e as tradições simples do sertão. Esse exemplo tem sido notado não apenas por sua comunidade, mas pela comunidade acadêmica, cooperativas, associações e organizações, que visitam sistematicamente sua experiência, fazendo com que a localidade tenha fluxo constante, incrementando assim o turismo rural local.

A atividade turística da agrofloresta acima referida é algo espontâneo, pois o seu direcionamento inicial não era criar um ambiente para o turismo, mas para uma agricultura familiar. Porém sua prática com a terra chamou e tem chamado cada vez mais atenção da comunidade regional, e com isso recebido muitos visitantes da região e de outras localidades do país com interesse na sua forma de cultivar e tratar a terra, o que tem dinamizado não só a sua propriedade, mas a comunidade onde ela está inserida.

Dessa forma, como afirma Portugal (2002), o turismo só estará promovendo o “desenvolvimento” quando for capaz de proporcionar a melhoria das possibilidades do bem viver para os núcleos receptores. A experiência da agrofloresta de Nova Olinda tem sido exemplo disso, pois tem mostrado não só aos seus visitantes, mas a sua comunidade, que é possível trabalhar a terra de modo sustentável, assim como é proveitoso mostrar isso a quem vem de fora, dando exemplo de vida sustentável no campo, mostrando que há possibilidade de vida digna para todos, se todos aceitarem esse novo modo de olhar e trabalhar o campo. Nesse sentido, a experiência do senhor José Arthur tem ultrapassado suas cercas e mobilizado sua comunidade, que começa a se organizar em associações, que têm trazido benefícios para a comunidade como um todo.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

O trabalho de campo foi realizado na zona rural de Nova Olinda, no período de março a maio de 2009.

A pesquisa se deu em três etapas. A primeira constou de uma revisão bibliográfica acerca do assunto proposto, em livros, dissertações e programas do governo federal voltados para o turismo.

A segunda etapa constou de visitas à área de estudo a fim de fazer uma análise perceptiva da vivência da comunidade em relação ao seu meio e verificar se existiam outras práticas agrícolas além da agrofloresta escolhida. Posteriormente, a coleta de material se deu através de conversas informais com a comunidade, com membros da Coopagan e com os moradores da agrofloresta, centrando atenções na pessoa do Sr. José Arthur, proprietário e idealizador da agrofloresta, além de registros fotográficos e acompanhamento da recepção de grupos de visitantes.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **3.1 O potencial turístico de Nova Olinda e os caminhos para o turismo rural e agroecológico**

O Brasil é conhecido mundialmente pelo seu imenso potencial em diversos segmentos do turismo, principalmente no que diz respeito ao “sol e praia”. Vem surgindo, contudo, o turismo rural, que juntamente com o ecoturismo se apresenta com um grande potencial, não desconsiderando qualquer região do país. (RODRIGUES, 2001).

Vale ressaltar que o turismo “sol e praia” segue um modelo de turismo massificado, com a maioria dos investimentos no litoral, e é no litoral que os problemas ambientais estão cada vez mais intensificados, pois apesar de os roteiros turísticos estarem pautados no desenvolvimento socioambiental, a necessidade do turismo “sol e praia” é pautada em lucro e desenvolvimento econômico, mostrado a cada dia que se trata de um turismo baseado em um modelo insustentável.

A atividade turística atualmente possui um caráter muito dinâmico, somado às necessidades de promover-se dentro dos parâmetros da sustentabilidade, mesmo com as constantes mudanças sociais e econômicas das diferentes regiões. O turismo rural, dentre as muitas modalidades turísticas em desenvolvimento no país, desponta de forma promissora e com incontestável potencial, como proposta de sustentabilidade que nenhum modelo de “sol e praia” no Brasil conseguiu concretizar.

Rodrigues (2001) afirma que o interesse por essa modalidade de turismo surge da confluência de dois fatores que consideramos fundamentais: de um lado, o crescimento da população urbana que se concentra em áreas metropolitanas densamente povoadas; de outro, a necessidade de inovar as atividades econômicas no meio rural, que tem passado por rápidas e visíveis mudanças.

A Associação Brasileira de Turismo Rural conceitua o turismo rural como o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade. (EMBRATUR, 2003).

Rodrigues (2001) classifica essa modalidade em duas vertentes:

#### 1) Turismo rural tradicional

Sob este rótulo surgem vários outros agrupamentos com diferentes modalidades como:

- De origem agrícola – propriedades que historicamente se constituíram como unidades de produção agrária, principalmente durante o ciclo do café, como um dos mais importantes, onde é aproveitada a arquitetura de ciclo grandioso; são rotuladas de fazenda hotel, sem confundir com hotel-fazenda, que é diferente. A fazenda hotel é uma fazenda que oferece acomodações para hospedagem, enquanto que o hotel fazenda é uma fazenda que se transformou em hotel.
- De origem pecuarista – considerando equipamentos de hospedagem que se originaram na pecuária tradicional, distinguindo áreas onde a atividade de criação de gado funcionava como instrumento de apropriação do território durante o início da colonização.
- De colonização européia – cuja origem está relacionada à história da imigração européia no Brasil, principalmente nas regiões Sul e Sudeste do país.

#### 2) Turismo rural contemporâneo

Opõe-se à primeira categoria por englobar equipamentos implantados mais recentemente, notadamente a partir dos anos 70, quando o turismo começa a assumir maior significado como atividade econômica no Brasil. Caracteriza-se como alternativa ao modelo “sol e praia”, predominante do país, assumindo maior importância com o crescimento das cidades e a urbanização acelerada.

- Hotéis-fazenda – hotéis localizados na zona rural, implantados para exploração do turismo rural; algumas vezes valoriza a cultura rural, o folclore, a gastronomia e as atividades das fazendas, como cavalgadas.
- Pousadas rurais – de menor porte e menos luxo que os hotéis, procuram oferecer aos visitantes a real visão da vida no campo.
- Spas rurais – podem ser considerados também na categoria do turismo de saúde, constituindo a versão moderna das antigas estações termais, hoje com fins estéticos, situando-se na zona rural com intuito de oferecer aos pacientes hóspedes “o bucolismo da vida campestres”. Associa atividades físicas ligadas ao meio natural, como caminhadas e banhos de cachoeira.

- Segunda residência campestre – geralmente localizada na área rural de municípios vizinhos de grandes centros, como alternativa de lazer para a população mais abastada.
- Campings e acampamentos rurais – geralmente procurados por jovens e famílias com crianças e têm uma demanda significativa do turismo rural. Localizam-se geralmente em lugares com água e com boa cobertura vegetal.
- Turismo de caça e pesca – onde existem animais criados para esse fim e a atividade é permitida por lei. São os famosos pesque-pague.
- Turismo rural místico e religioso – lugares onde estão inseridas várias comunidades alternativas, com centro de vivência comunitária, vinculados à meditação e práticas místicas, e alguns estabelecimentos ligados a religião.
- Turismo rural científico-pedagógico – lugares voltados para recepção de alunos, estagiários e pesquisadores.
- Turismo rural etnográfico – é o caso de reprodução de aldeias indígenas para receber grupos de estudantes, produzidas para esse fim, aproveitando a valorização da cultura indígena.

Esta classificação feita por Rodrigues (2001) mostra como essa modalidade é diversificada, e talvez por essa razão, notadamente nos últimos anos está se desenvolvendo rapidamente em todo o território nacional, contribuindo não apenas para a ampliação das possibilidades de turismo e lazer, mas como forma de propiciar às pessoas que vivem em áreas urbanas uma vivência rica culturalmente. Falando dessa forma, é relevante o crescimento do número de propriedades rurais que estão incorporando atividades turísticas em suas rotinas e, assim, estimulando esse mercado.

### 3.2 Localização da área e a relação com o turismo

Nova Olinda está localizada na microrregião do Cariri, sul do estado do Ceará, Nordeste brasileiro, a 566 km da capital do estado, tendo como vias de acesso, a partir de Fortaleza, a BR - 116, CE 385, CE 060/122 e CE 292. Limita-se ao norte com os municípios de Farias Brito e Altaneira; ao sul e oeste, com Santana do Cariri; ao leste, com Crato. A superfície do município é de 179 km<sup>2</sup>, o relevo é irregular, pertence à zona de transição da Chapada do Araripe para o sertão central do estado, podendo ser dividido em três áreas: a primeira, correspondente a uma pequena parte da zona do Araripe, com altitude superior a 700m; a segunda, zona de transição entre a chapada e o vale do Rio Cariús, com altitude entre 500 e 700m, e a terceira zona, a do vale em que se encontra a sede, com altitude entre 400 e 500 metros. As temperaturas médias variam de 24 °C para a mínima, na Serra do Araripe, a 32 °C para a máxima, na sede. As precipitações médias anuais são de 683 mm, abaixo da média de 775 mm do estado (FRANCA, 2004).

O Cariri cearense, situado na sub-bacia sedimentar do Araripe, apresenta aspectos diferenciados do sertão a sua volta. Segundo Menezes (2007), é um brejo de encosta e de vale que se estende em parte da depressão sertaneja, que se inicia na Chapada do Araripe; a região é vista como algo que rompe com o sertão e passa a ser vista como um verde vale, “um oásis no meio do sertão”, que se diferencia de todo o interior semiárido do Nordeste.

Além disso, a região é um lugar privilegiado no que diz respeito a sua localização, pois faz divisa com três estados: Piauí, Pernambuco e Paraíba, e têm em média uma distância de 700 Km para as principais capitais nordestinas. Possui atrativo natural e cultural, tornado-se um polo de turismo ecológico e cultural. O município de Nova Olinda hoje é destino indutor do turismo na região do Cariri, dentro do projeto do Ministério do Turismo “65 destinos indutores”.

Porém o sítio onde é localizada a agrofloresta já foge dessa visão de oásis. Segundo Franca (2004), “o sítio Taboleiro está localizado na zona rural, a cerca de 6 Km da sede do muni-

cípio de Nova Olinda, tendo como limites os sítios Patos, Barreiros e Mamãos; no local a vegetação é de caatinga, típica das regiões de clima semiárido, com solos rasos e pedregosos.”

Ainda segundo Franca (2004), a região apresenta diferenciados usos da terra. Nas áreas mais secas da Chapada do Araripe predomina a pecuária extensiva, enquanto que nas suas encostas semiúmidas desenvolve-se uma policultura de feijão, milho e o cultivo de hortaliças; nos brejos úmidos existe o plantio de cana-de-açúcar e arroz.

No projeto de agrofloresta de Nova Olinda encontram-se cultivos de hortaliças, pois apesar de a localidade estar dentro de uma área semiárida, apresenta umidade suficiente para estes cultivos e espécies típicas da caatinga, como a palma, convivem dentro desse sistema de agrofloresta em plena harmonia. (Figura 1).



Figura 1—Aspecto geral da agrofloresta de Nova Olinda-CE. Foto: Hercília Feitosa 2009

Essa experiência mostra como é viável o cultivo sustentável de áreas que, se não tivessem passado por esse processo de recuperação, estariam em processo de desertificação. No que tange às questões ambientais da região, o processo de desertificação apresenta-se preocupante.

Segundo Habermeier e Silva (1998), citados por Franca (2004), a proposta da agrofloresta combina culturas agrícolas com outras plantas, integrando as espécies nativas e as culturas introduzidas, que melhoram o solo e aumentam a vida da terra. Através de consórcios densos de plantas cultivadas, plantas adubadoras e árvores nativas, manejadas com capinas seletivas e poda, a agrofloresta aproveita a força da vegetação para recuperar e melhorar o solo, ao mesmo tempo que produz os alimentos e outros produtos agrícolas de que a agricultura familiar precisa para viver bem.

Assim, a agrofloresta do sítio Taboleiro, no município de Nova Olinda, segue os preceitos de uma agricultura sustentável, pautados nos preceitos da agroecologia, sendo respeitada a dinâmica da natureza e cultivada a terra de maneira ecologicamente correta, buscando uma sustentabilidade viável para a localidade onde está inserida.

### 3.3 Agrofloresta, Coopagan e a sustentabilidade

A Fundação Casa Grande, instalada na cidade, abriga o museu do homem Kariri, que reúne instrumentos líticos e cerâmicos dos índios que habitaram a região, num trabalho de resgate de identidade indígena. A Fundação é uma escola de comunicação para crianças da comunidade e desenvolve trabalho de formação cultural, pautada na cultura de tradição.

Dentro do contexto da Fundação surge em Nova Olinda a Cooperativa de Pais e Amigos da Casa Grande – Coopagan. Junto com ela, em uma pequena propriedade, a agrofloresta do Sr. José Artur, (Figura 2), que conta com uma pousada domiciliar, que funciona com a disponibilização de casa da família, onde se hospedam visitantes que queiram conhecer a experiência mais de perto. Faz parte, assim, do turismo rural e agroecológico da Casa Grande e, por conseguinte, do município de Nova Olinda.



Figura 2 – Detalhe do quarto da pousada domiciliar da Agrofloresta. Foto: Hercília Feitosa 2009.

Verifica-se dentro deste contexto a necessidade que o produtor rural tem de tentar diversificar sua fonte de renda e de agregar valor aos seus produtos e a vontade que os moradores das grandes cidades têm de reencontrar suas origens, convivendo e conhecendo a vida calma e tranqüila do interior, seus hábitos, tradições e costumes. Além disso, o turismo rural, e por consequência o turismo agroecológico, podem ser desenvolvidos em pequenas propriedades rurais, estimulando uma grande interação como uma ferramenta fundamental na materialização de políticas públicas visando ao desenvolvimento rural local.

A agrofloresta do Sr. José Artur é um exemplo de uma atividade de turismo rural que está de acordo com os princípios da sustentabilidade. Desta forma, essa nova modalidade poderia ser um modelo a ser sugerido, propiciando profundo melhoramento na estrutura socioeconômica desta localidade e de outras que poderiam ser incorporadas, contribuindo assim para a valorização da cultura regional e conservação ambiental, como:

- Desenvolvimento de novos destinos turísticos
- Diversificação da base da economia regional
- Verticalização da produção
- Agregação de valor a produtos rurais em pequena escala

Geração de novas oportunidades de trabalho  
Melhoria da infraestrutura de transporte, comunicação, saneamento  
Valorização do patrimônio natural e cultural  
Promoção da integração entre campo e cidade  
Redução do êxodo rural  
Melhoria da qualidade de vida da população rural  
Valorização das práticas rurais, tanto sociais quanto de trabalho; entre outros.

Com isso a agrofloresta poderia desenvolver-se economicamente, sem necessitar romper com seus princípios culturais e ambientais, uma vez que a melhoria das condições de vida da população está relacionada com seu meio e com a reprodução do mesmo.

O modelo de agrofloresta existente em Nova Olinda atualmente é um local de grande visitação, porém a renda deixada pelos visitantes ainda é irrisória, sendo insuficiente para um desenvolvimento real em toda a comunidade. Neste contexto, não existe uma real expectativa da comunidade e do município acerca de melhoramento da localidade através do turismo. Tal fato se deve ao desconhecimento por parte da comunidade de como a atividade relacionada ao turismo rural poderia mudar a realidade das pessoas envolvidas ou não no processo da agrofloresta (Figura 3).



Figura 3: Sr. José Artur, com estudantes na Agrofloresta. Foto Hercília Feitosa 2009

Vale ressaltar que o próprio Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Ministério do Turismo, onde o município de Nova Olinda tem assento dentro do mapeamento dos destinos indutores, no projeto 65 destinos turísticos do Brasil, não tem ação efetiva dentro do município, pois após o estudo de competitividade, apresentado ao município no ano de 2008, até o momento, ser destino indutor mais parece um título que uma realidade, pois no município não há avanços no âmbito do turismo; o que existe são projetos espontâneos que já existem independente de políticas pública.

O Plano de Ação da Bacia Cultural do Araripe, realizado em 2006, mostra também como se faz planejamento para o desenvolvimento da cultura, e por conseguinte, tratando-se o Cariri de um destino cultural do MTur, o desenvolvimento do turismo, porém não há eficiência na implantação desses diversos planos.

Nova Olinda precisa sair da inércia de até então, e passar a ser gestora de sua nova realidade, portando-se como uma unidade de gestão do seu desenvolvimento, de acordo com suas prioridades, possibilidade e anseios, para que dessa forma possa exigir das instâncias federal e estadual um posicionamento mais coerente e eficiente. Para exemplificar, avaliando-se os acessos ao município, verifica-se que a cada dia Nova Olinda se isola, por falta de estradas e transporte de qualidade. No ano de 2009, o fluxo turístico para o município foi prejudicado por falta de estradas, já que o município também é passagem para outros roteiros realizados mesmo que regionalmente, como o Museu de Paleontologia, que fica no município vizinho de Santana no Cariri, para 4 geotopes do Geopark Araripe, Geotopo Nova Olinda, Ipubi, Exu e Santana, além de também ser passagem para o município de Assaré, onde está localizado o Memorial Patativa do Assaré.

Esse exemplo mostra que o município não necessita de título, mas sim de parceria efetiva, pois se existem potenciais e atrativos consistentes, o que necessita é estrutura básica para que esses potenciais não se isolem e assim possam ser vendidos e visitados.

Porém é necessário pensar também nos efeitos negativos que podem advir com a atividade turística mal desenvolvida. No meio rural as mesmas estão relacionadas a possíveis danos ao ambiente natural e sociocultural das localidades envolvidas. Importante salientar ainda que o desenvolvimento desordenado da atividade pode sobrecarregar a estrutura rural, pelo número elevado de visitantes ou tráfego excessivo de veículos. Tal situação pode, ainda, comprometer o meio ambiente pelas alterações na paisagem e utilização demasiada ou indevida dos recursos naturais, além de modificar os costumes.

Esta discussão se torna necessária, visto que o turismo nada mais é que consumo de espaço, e assim sendo, ele não é uma atividade que por si só seja sustentável. É necessário olhar para além do imediato, pois o imediato pode não ser o desejável, mas a busca do desejado pode ser demasiadamente fora da sustentabilidade. Pois para se falar de ambiente rural, é necessário falar de natureza e de ambientes frágeis. Assim se faz necessário questionar que turismo se quer e que turismo será construído, não permitindo que se distancie do que se construa, pois é nessa mudança de valores que mora a ausência da sustentabilidade. É nessa inversão que nos perdemos diante do imediatismo e da busca pelo progressivo.

Para que Nova Olinda se abra para o novo é necessário pautar-se na cultura, na tradição e principalmente na identidade, e que a ruralidade esteja inserida na cidade. Para que um projeto turístico seja realmente bom para a comunidade e para a agrofloresta do sítio Taboleiro, será necessário que a população urbana esteja também inserida e que ela possa aprender com o rural, afim que esse desenvolvimento seja antes de mais nada humano, trazendo qualidade de vida para todos.

Nova Olinda, como destino indutor do turismo no Cariri, precisa mais do que esse título; ela precisa ser indutora dela mesma, antes de se preocupar em induzir o desenvolvimento do turismo regional, e isso só será possível mediante uma discussão do que quer e do que faz. Assim pode ter armas suficientes para lutar pelo que quer e pode exigir com propriedade os devidos investimentos, e não ficar esperando que os poderes apadrinhem com o que acham que devem “dar”. Que ela própria possa construir uma política pública municipal que norteie os investimentos do município e priorize a “arrumação da casa”, não para visitante, mas antes de tudo para seu povo, tão carente de saúde, educação, moradia, entre outras coisas.

#### **4 CONCLUSÃO**

Em Nova Olinda, as iniciativas públicas, assim como as de natureza privada, têm se mostrado ineficientes no sentido de promover e incentivar o desenvolvimento da agrofloresta e turismo. Segundo Gandim (1993), in Portuguese (2002), no Brasil “existe relacionamento quase cômico entre a atividade de planejar e a de arquivar”, colocando exemplo de projetos públicos mirabolantes, totalmente inoportunos ou inoperantes, e que por essa razão são arquivados ou não conseguem ser desenvolvidos. Dessa forma, um pensamento de 1993 mostra como isso ainda é uma realidade, somada ao esvaziamento da participação popular nesses projetos, o que acarreta cada vez mais o agravamento da despoltização dos cidadãos.

Nova Olinda precisa de políticas públicas que tratem o turismo e a região como um potencial verdadeiro, e que não sejam apenas direcionadas à divulgação do destino, mas que sejam antes de tudo direcionadas à melhoria de vida da população local, visto que só se faz turismo quando a população receptiva tem, no mínimo, condições básicas de desenvolvimento humano.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Turismo. **Diretrizes Políticas. Roteiros do Brasil, programa de regionalização do turismo.** Brasília, DF, 2004.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Estudo de competitividade dos 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional. Roteiros do Brasil, programa de regionalização do turismo.** Brasília, DF, 2008.

COSTA, Frederico José Lustosa da. **Plano de Ação da Bacia Cultural do Araripe para o Desenvolvimento Regional.** Fortaleza: Secult, 2006.

FRANCA, Manoel Jorge Pinto da. **Análise da sustentabilidade do sistema agroflorestral com agricultores familiares de Nova Olinda e Santana do Cariri – Ce.** Fortaleza: UFC, 2004.

MENEZES, Edith Oliveira. O Cariri cearense. In: BORZACCHIELLO, José; CAVALCANTE, Tércia; DANTAS, Eustógio (Orgs.). **Ceará: um novo olhar geográfico.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Agroturismo e desenvolvimento regional.** São Paulo: Hucitec, 2002.

RODRIGUES, Adyr Balatreri. **Turismo Rural: práticas e perspectivas.** São Paulo: Contexto, 2001.